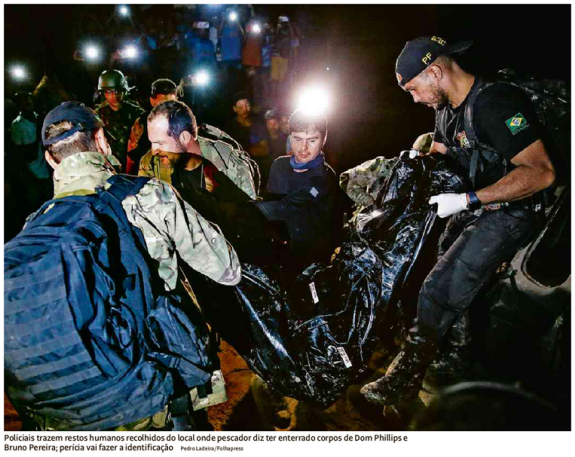
FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 16/06/2022 - 05:59

Pescador assume mortes no AM, diz PF



Policiais trazem restos humanos recolhidos do local onde pescador diz ter enterrado corpos de Dom Phillips e Bruno Pereira; perícia vai fazer a identificação Pedro Ladeira/Folhapress

Pescador preso confessou assassinato de indigenista e jornalista no AM, diz PF

Restos humanos são achados, e perícia apontará se são dos dois desaparecidos; suspeito indicou onde havia enterrado os corpos

Vinicius Sassine, Cézar Feitoza e Rosiene Carvalho

ATALAIA DO NORTE (AM), BRASÍLIA E MANAUS A Polícia Federal disse na noite desta quarta(15) que um dos suspeitos investigados pelo desaparecimento do indigenista Bruno Pereira, 41, e do jornalista britânico Dom Phillips, 57, confirmou participação no assassinato deles.

De acordo com a PF, o pescador Amarildo da Costa Oliveira, o Pelado, indicou às autoridades onde havia enterrado os corpos, bem como ocultado a lancha em que viajavam Pereira e Phillips. Agora, a corporação aguardará os resultados de perícias para identificar se os restos humanos encontrados são deles.

A perícia também vai determinar a causa da morte e a arma utilizada no crime. Segundo a PF, Pelado disse que as mortes ocorreram com disparo de arma de fogo.

Pereira e Phillips desapareceram em 5 de junho quando retornavam de barco ao município de Atalaia do Norte (AM). Trata-se do município mais próximo à terra indígena Vale do Javari.

De acordo com Eduardo Alexandre Fontes, superintendente da PF no Amazonas, foram encontrados corpos 3,1 km mata adentro. Segundo ele, não teria sido possível encontrar os restos humanos nesse período de tempo caso não houvesse a confissão de Pelado.

"Em sendo comprovados que os remanescentes são relacionados ao Dom Phillips e ao Bruno Pereira, serão entregues à família", disse o delegado, em entrevista coletiva de imprensa em Manaus.

Antes, o ministro da Justiça, Anderson Torres, afirmou que "remanescentes humanos" haviam sido encontrados nas buscas desta quarta. "Eles serão submetidos à perícia", disse em rede social.

Segundo Eduardo Fontes, foram feitas escavações num local de "difícilimo acesso" e sem sinal de telefone. O material encontrado será enviado nesta quinta-feira (16) para o instituto de criminalística, em Brasília.

"Ontem [terça] à noite, o primeiro preso [Pelado] no final da noite resolveu confessar a prática criminosa. Ele narra com detalhes e aponta o local onde havia enterrado os corpos. Saímos cedo ao local [nesta quarta] e lá houve demora porque realizamos a reconstituição do crime. Depois fomos ao local onde ele disse que havia enterrado os corpos e onde havia afundado a embarcação", relatou.

As autoridades que participaram da entrevista disseram ainda que novas prisões podem ocorrer: "Todos os esforços foram empregados. Nossa missão precípua desde o início era encontrá-los com vida. Infelizmente trazemos essa triste notícia", disse o delegado da Polícia Civil Guilherme Torres.

Ele afirmou que a força-tarefa não termina nesta quarta e que não descarta a hipótese de outras pessoas estarem envolvidas. "Hoje, podemos dizer que um grande passo foi dado neste caso hediondo. Um crime brutal."

Na semana passada, após ser preso, Pelado afirmou em audiência de custódia em Atalaia do Norte que havia sido torturado e agredido por policiais. O relato constou na ata da audiência na qual a juíza titular da cidade, Jacinta Silva dos Santos, decretou a prisão temporária dele.

Na ocasião, ele relatou que policiais o agrediram, usaram uma sacola em sua cabeça para sufocá-lo e que chegou a desmaiar na lancha que o transportou à cidade.

A Secretaria de Segurança Pública do Amazonas disse na ocasião que os relatos de suposta agressão seriam "devidamente apurados" e que não compactuava com desvios de conduta.

Continua na pág. A5

@dompHillips no Twitter — Daniel Marenco/Agência O Globo

Dom Phillips (esq.) e Bruno Araújo Pereira, que foram mortos no AM

> **Ontem à noite, o primeiro preso [Pelado] no final da noite resolveu confessar a prática criminosa. Ele narra com detalhes e aponta o local onde havia enterrado os corpos**
>
> **Eduardo Alexandre Fontes** superintendente da PF no Amazonas

Continuação da pág. A4

Nesta quarta, a PF levou Pelado ao local dos desaparecimentos. Ele estava totalmente coberto quando foi levado para a busca dos corpos.

A embarcação com policiais federais subiu o rio Itaquaí, percorrido por Pereira e Phillips, pouco antes das 13h (15h no horário de Brasília).

O outro suspeito conhecido, Oseney de Oliveira, o Do Santos, preso na terça (14), permaneceu em Atalaia nesta quarta para a audiência de custódia. Ele é irmão de Pelado. A PF disse que ele nega ter participado do crime.

O superintendente da PF do Amazonas disse ainda que há indícios de participação de uma terceira pessoa no crime.

Os irmãos vivem na comunidade São Gabriel, onde moram ribeirinhos que sobrevivem da pesca e da agricultura.

Nesta quarta, após a coletiva de imprensa dos investigadores em Manaus, a esposa de Phillips, Alessandra Sampaio, disse que o "desfecho trágico põe um fim à angústia de não saber o paradeiro" de seu marido e Pereira.

"Agora podemos levá-los para casa e nos despedir com amor", disse Alessandra, em um comunicado. Ela afirmou ainda que, agora, tem início agora uma jornada por justiça.

"Espero que as investigações esgotem todas as possibilidades e tragam respostas definitivas, com todos os desdobramentos pertinentes, o mais rapidamente possível."

As buscas por vestígios de Pereira e Phillips estavam concentradas num trecho do rio entre São Gabriel e a comunidade Cachoeira. Durante as buscas, as equipes conseguiram localizar uma mochila, roupas e um documento pessoal do indigenista.

A investigação aponta a pesca e a caça ilegal na região —e os conflitos decorrentes das atividades ilegais— como pano de fundo do crime.

Segundo a polícia, Pelado indicou que a lancha em que viajavam Pereira e Phillips foi afundada propositadamente. A embarcação ainda não apareceu, mas será buscada nesta quinta-feira, disse Fontes. "Colocaram sacos de terra nela para ela afundar. Tiraram o motor, afundaram o motor", detalhou o superintendente.

A região do desaparecimento é marcada por forte exploração ilegal do pirarucu e de tracajás, principalmente dentro da terra indígena.

Crime no AM piora imagem do Brasil, mas possui efeito eleitoral limitado

Consequências para Jair Bolsonaro e seus aliados tendem a ser limitadas a quem já os despreza

ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO O assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips completa um ciclo de decadência da imagem internacional do Brasil que não se via desde os tempos da ditadura de 1964 e dos primeiros anos da redemocratização.

Poucos temas brasileiros atraem tanta atenção no exterior quanto a Amazônia, até pela diminuição do papel internacional do país após a onda das commodities dos anos 2000, habilmente surfada por Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e sua megalomania política externa, desaguando no delírio ideológico do Itamaraty de Ernesto Araújo e sua atual versão anódina.

É um debate eivado de tolices lá fora, com ideias de cessão de soberania e simplificações como o "pulmão do mundo", aspas compulsórias.

Mas ele tem como fio condutor a noção, essa sim clara, do papel regulador do ameaçado clima mundial exercido pela vasta floresta tropical e equatorial sob controle de Brasília.

Bolsonaro, por sua vez, encarna tudo o que é contrário à visão moderna de integração amazônica. Na origem um fetiche dos militares, que desde o começo do século 20 colocam com razão a região com eixo de qualquer estratégia, a ideia bolsonarista segue ancorada em elementos obsoletos: a ocupação econômica sem freios, o incentivo ao garimpo, a vista grossa ao banditismo ofi cioso.

Com isso, os grandes incêndios e o aumento do desmatamento a partir de 2019, já sob a batuta e a reação apoplética de Bolsonaro no Planalto, formam com a tragédia da dupla no vale do rio Javari um quadro coerente para o observador estrangeiro —mesmo que as razões do ocorrido existam há décadas.

A Amazônia é a nossa área tribal paquistanesa, nossa República Centro-Africana. Na realidade, isso tem a ver com o que pensa e faz no cargo Bolsonaro sobre a região, mas nada tem de novo.

Basta lembrar de Chico Mendes, morto no ocaso da Nova República em 1988, ou de Dorothy Stang, assassinada no 2005 que antecedeu uma reeleição fácil para Lula.

Isso tem alto custo num mundo em que o ESG (conceito bastante duvidoso que avalia empresas e países por seu desempenho no ambiente, na responsabilidade social e na governança) dá todas as cartas e orienta investidores.

A figura pessoal do presidente não ajuda. A total falta de empatia ao tratar do caso Bruno-Dom, com falas que além de infelizes traem sua real visão do ativismo ambiental e do jornalismo, apenas confirma aquilo que se vê em charges e bonecos satíricos mundo afora. Bolsonaro é um pária, levando consigo a imagem do Brasil.

> **[...]**
> **O eleitor que apoia o presidente não irá mudar de ideia porque ele disse que a dupla foi imprudente**

Uma diplomata lotada na Europa, com experiência em três continentes, comentava antes da confirmação da morte no Amazonas que nunca havia tido tanta vergonha de representar o país.

Ela conta que é abordada com perguntas constrangedoras sobre a saúde mental do mandatário e sobre os riscos de a situação escalar em termos de risco democrático, visto que a retórica golpista de Bolsonaro não passa despercebida.

É um processo que já se desenhava com o impeachment de Dilma Rousseff (PT) em 2016, quando o "Fora, Temer" virou base de discurso de ativismo à esquerda majoritário entre brasileiros fora do país —menos entre os trumpistas da Flórida, claro. Mas o caso de Bolsonaro é mais orgânico.

A agenda ambiental reversa é uma escolha clara da pessoa do presidente e de seu entorno, com ele e os seus dobrando a aposta no choque retórico sempre que possível. O dano à imagem e a negócios do Brasil é uma realidade.

A opção bolsonarista tem cunho eleitoral. A ideia de que o assassinato vá prejudicar gravemente a campanha à reeleição parte de um erro conceitual. O eleitor que apoia o presidente não irá mudar de ideia porque ele disse que a dupla foi imprudente.

Isso porque, e aí os ditos progressistas seguem sem alcançar o país em que vivem, esse eleitorado pensa de forma semelhante.

Assim como o crime em si tenderá apenas a reforçar a rejeição a Bolsonaro e bolsonaristas entre quem já os despreza. Como no citado caso de Stang, não parece que as urnas refletirão a comoção.

Ato cobra a investigação do desaparecimento de Dom e Bruno, em Brasília Ueslei Marcelino/Reuters

Bolsonaro diz que Dom era malvisto na Amazônia e devia ter tido mais cuidado

Matheus Teixeira

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou nesta quarta-feira (15) que o jornalista britânico Dom Phillips, 57, "era malvisto na região" porque fazia reportagens contra garimpeiros e que ele deveria ter tido mais atenção "consigo próprio".

Falando em entrevista à jornalista Leda Nagle, simpatizante do bolsonarismo, o chefe do Executivo disse que Phillips e o indigenista brasileiro Bruno Pereira, 41, "resolveram entrar numa área completamente inóspita sozinhos, sem segurança".

As declarações de Bolsonaro foram criticadas por entidades, que apontaram o desrespeito do presidente pelo jornalista. Elas ocorreram diante de questionamentos à atuação do Executivo tanto na reação inicial para a busca do indigenista e do jornalista como devido à atuação do governo na região.

A Anistia Internacional disse na tarde desta quarta (15) que "os comentários cruéis e insensíveis do presidente Bolsonaro caracterizaram a insensibilidade do marco do governo na região.

Segundo a polícia, Pelado indicou que a lancha em que viajavam Pereira e Phillips foi afundada propositadamente. A embarcação ainda não apareceu, mas será buscada nesta quinta-feira, disse Fontes. "Colocaram sacos de terra nela para ela afundar. Tiraram o motor, afundaram o motor", detalhou o superintendente.

A região do desaparecimento é marcada por forte exploração ilegal do pirarucu e de tracajás, principalmente dentro da terra indígena.

Na ocasião, ele relatou que policiais o agrediram, usaram uma sacola em sua cabeça para sufocá-lo e que chegou a desmaiar na lancha que o transportou à cidade.

A Secretaria de Segurança Pública do Amazonas disse na ocasião que os relatos de suposta agressão seriam "devidamente apurados" e que não compactuava com desvios de conduta.

Continua na pág. A5

Morto aos 41, Bruno Pereira trocou Funai por ação direta com indígenas

RIO DE JANEIRO E RIBEIRÃO PRETO O indigenista Bruno Pereira, 41, assassinado no Vale do Javari, acumulava anos de trabalho junto aos povos indígenas e era alvo de ameaças em razão de sua atuação na região amazônica.

Ele, que deixa três filhos — de dois, três e 6 anos— era apontado por amigos e colegas como uma pessoa que sempre quis propiciar condições para que os indígenas cuidassem de suas terras da maneira que quisessem.

Servidor de carreira da Funai (Fundação Nacional do Índio) desde 2010, Pereira pediu licença depois de ter sido exonerado da Coordenação-Geral de Índios Isolados e Recém-Contatados, na qual esteve por 14 meses.

Ele tinha uma vasta experiência na Terra Indígena Vale do Javari e foi dispensado do cargo em outubro de 2019, durante o governo Jair Bolsonaro (PL), sem motivos técnicos aparentes, de acordo com indigenistas.

A exoneração do cargo foi assinada pelo secretário-executivo do ministério então comandado pelo ex-juiz federal Sergio Moro (Justiça e Segurança Pública).

Naquele ano, Pereira chefiou a maior expedição para contato com os isolados em 20 anos.

Seus colegas dizem que ele estava insatisfeito com as dificuldades que enfrentava para atuar na Funai, que sofria pressão de superiores e que, por isso, decidiu trabalhar diretamente com a ONG Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari), onde estava desde então.

Numa carta aberta divulgada após a saída dele da função na Funai, um grupo de 14 indigenistas o qualificou como plenamente qualificado para as funções e afirmou que a saída dele do cargo era um retrocesso histórico da política pública para proteção dos povos indígenas isolados.

Ana Luiza Albuquerque e Marcelo Toledo

Dom Phillips, assassinado aos 57, amava o Brasil e a Amazônia

RIO DE JANEIRO E RIBEIRÃO PRETO Há 15 anos vivendo no Brasil, o jornalista britânico Dom Phillips, 57, assassinado no Vale do Javari (AM), estava escrevendo um livro que tinha tudo a ver com sua viagem a Atalaia do Norte (AM): "Como Salvar a Amazônia".

Qualificado pelos amigos como generoso, cuidadoso, gentil e solícito, Phillips cresceu em Bebington, cidade 8 km ao sul de Liverpool, na Inglaterra. Quando jovem, tocava nas ruas em busca de dinheiro. Começou sua carreira jornalística cobrindo o cenário da música eletrônica e foi editor da revista Mixmag.

O britânico escreveu um livro sobre o ressurgimento da cultura dos DJs e, em 2007, viajou ao Brasil atraído por colegas da área musical. A ideia inicial era ficar alguns meses em São Paulo, mas se sentiu tão em casa no país que decidiu se mudar de vez.

Ele também morou no Rio de Janeiro, onde gostava de andar de bicicleta e de fazer stand-up paddle, e, nos últimos meses, se mudou para a Bahia, estado de sua mulher, Alessandra Sampaio.

Em sua trajetória profissional nos anos no Brasil, Phillips passou muitos anos trabalhando como freelancer para o jornal britânico The Guardian. Também escreveu para The New York Times, Washington Post, Financial Times e The Intercept.

Conhecia muito bem a Amazônia e tinha uma grande experiência de trabalho junto aos povos indígenas, habilidades que adquiriu por ter se dedicado a essa cobertura praticamente desde o momento em que chegou ao país.

Fez uma sua trajetória várias viagens em áreas de conflito e viabilizou a produção do livro depois de ter sido selecionado para uma bolsa da Alicia Patterson Foundation.

Em sua jornada em terras brasileiras, foi voluntário para ensinar inglês em favelas do Rio e, na curta estadia como morador da Bahia, dava aulas numa ONG. **ALA e MT**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Pagina:** 4 e 5

Copyright © Clipclap 2025.